



Texto licenciado sob a forma de uma licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional



ID 1082

Dossiê Cinema e Colonialismo – Resenha

**Uma ecologia decolonial:
pensando futuros emancipatórios em um navio-mundo capaz de
reunir, escutar e celebrar os encontros**

**Una ecología decolonial:
pensar en futuros emancipadores en un barco-mundo capaz de
reunir, escuchar y celebrar encuentros**

**A decolonial ecology:
thinking about emancipatory futures in a world-ship capable of
gathering, listening and celebrating meetings**

Catarina Andrade

Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora do Departamento de Letras da UFPE. Professora e pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPE. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Laboratório de Experiência Visualidade e Educação. Recife (PE). Brasil.

E-mail: catarina.oandrade@ufpe.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2547-7118>



FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. Tradução: Letícia Mei. Prefácio: Angela Davis. Posfácio: Guilherme Moura Fagundes. São Paulo: Ubu Editora, 2022.



Resumo: Desejamos tecer uma resenha sobre a obra *Uma Ecologia Decolonial: Pensar a partir do mundo caribenho*, do pesquisador, cientista político e engenheiro ambiental martinicano Malcom Ferdinand. Lançada em português no Brasil, em 2022, pela casa editorial Ubu, o livro traduzido por Letícia Mei conta com o prefácio da filósofa estadunidense Angela Davis, conhecida pelo seu ativismo nas pautas feministas antirracistas. Buscamos trazer à tona as principais contribuições da obra de Ferdinand, que nos propõe um fazer-mundo dentro de uma perspectiva decolonial crítica que – considerando a história colonial e seus efeitos sobre as populações humanas e os não-humanos – vislumbra uma outra forma possível de viver e habitar o mundo. O autor parte do pressuposto de que a ecologia é antes de mais nada uma questão de justiça e que a crise ecológica, portanto, é uma crise de justiça. A partir do seu olhar e experiência caribenhos, Ferdinand nos desafia a pensar o projeto colonial tendo em vista, sobretudo, o impulso a uma destruição ambiental, situando, portanto, as questões ecológicas como uma dimensão essencial para pensar a política mundial ancorada nas relações de colonialidade nos dias de hoje.

Palavras-chave: Malcom Ferdinand; Ecologia; Decolonial; Racismo ambiental.

Resumen: Queremos tejer una revisión del trabajo *Uma Ecologia Decolonial: Pensar a partir do mundo caribenho*, del investigador, politólogo e ingeniero ambiental martiniqués Malcom Ferdinand. Lanzado en portugués en Brasil, en 2022, por la editorial Ubu, el libro traducido por Letícia Mei, tiene un prefacio de la filósofa estadounidense Angela Davis, conocida por su activismo en las agendas feministas antirracistas. Buscamos sacar a la luz los principales aportes de la obra de Ferdinand, que propone una manera de hacer-mundo dentro de una perspectiva descolonial crítica que –considerando la historia colonial y sus efectos sobre las poblaciones humanas y no humanas– vislumbra otra forma posible de vivir y habitar. el mundo. El autor parte del supuesto de que la ecología es ante todo una cuestión de justicia y que la crisis ecológica, por tanto, es una crisis de justicia. Desde su perspectiva y experiencia caribeña, Ferdinand nos desafia a pensar el proyecto colonial con miras, sobre todo, a promover la destrucción ambiental, situando las cuestiones ecológicas como una dimensión esencial para pensar la política mundial anclada en las relaciones de colonialidad de hoy.

Palabras clave: Malcom Ferdinand; Ecología; Decolonial; Racismo ambiental.

Abstract: We would like to provide a review of the work *Uma Ecologia Decolonial: Pensar a partir do mundo caribenho*, by the Martinican researcher, political scientist and environmental engineer Malcom Ferdinand. Launched in Portuguese in Brazil, in 2022, by the publishing house Ubu, the book translated by Letícia Mei has a preface by the American philosopher Angela Davis, known for her activism in anti-racist, feminist agendas. We seek to bring to light the main contributions of Ferdinand's work, who proposes a way of world-making within a critical decolonial perspective that – considering colonial history and its effects on human and non-human populations – envisions another viable way of living and inhabit the world. The author starts from the assumption that ecology is primarily a matter of justice and that the ecological crisis, therefore, is a crisis of justice. From his Caribbean perspective and experience, Ferdinand challenges us to think about the colonial project considering, above all, the promotion of environmental destruction, situating the ecological issues as an essential dimension for thinking about world politics anchored in relations of coloniality today.

Keywords: Malcom Ferdinand; Ecology; Decolonial; Environmental racism.



*Uma civilização que se revela incapaz de resolver os
problemas que o seu funcionamento suscita,
é uma civilização decadente*
*Uma civilização que prefere fechar os olhos aos seus
problemas mais cruciais, é uma civilização enferma.*
*Uma civilização que trapaceia com os seus princípios,
é uma civilização moribunda.*
Aimé Césaire, *Discurso sobre o colonialismo* (2020)

Somos uma civilização moribunda diante de uma tempestade. Uma complexa tempestade: a “tempestade moderna”, como coloca o engenheiro ambiental, cientista político e pesquisador martinicano Malcom Ferdinand em seu livro *Uma Ecologia Decolonial: Pensar a partir do mundo caribenho* (2022). A tempestade é ambiental, decerto, mas também política, colonial, racial. Para sobreviver à tempestade precisaremos de um navio, uma arca. Alguns serão embarcados, outros, sacrificados, enfrentarão a tempestade na certeza de não sobreviver. Só desejamos subir na arca, não importa como e nem quem ficará para trás. Não importam, por exemplo, questões como as causas da tempestade, ou se haveria um outro tipo de arca onde todos pudessem superar a tormenta juntos.

A civilização moribunda sobrevive das ruínas do seu projeto colonial, marcado pela escravidão dos povos de África, pelo genocídio dos povos originários e pela extração de matérias-primas de terras invadidas e apropriadas. Ela sobrevive da lógica da exclusão, do desbravamento, do sacrifício (do outro). Diante dessa tempestade, Ferdinand nos desafia a vislumbrar além dos antolhos da dupla fratura colonial e ambiental, convidando não para um movimento de retorno, mas de encontro – ou, ainda, de encontros. Ele nos propõe *fazer-mundo*, convicto de que uma outra forma de viver e habitar o mundo é possível se formos capazes de, juntos, construir um navio “que acolha um mundo entre humanos com os não-humanos no convés da justiça” (2022, p. 267).

Ferdinand nos desafia a pensar o projeto colonial tendo em vista, sobretudo, o impulso a uma destruição do meio ambiente. Ou seja, o autor situa as questões ecológicas para pensar a política mundial ancorada nas relações de colonialidade nos dias de hoje. De um lado, Ferdinand critica um pensamento anticolonial que não pressupõe uma discussão a respeito do racismo ambiental; de outro, reprova os movimentos ambientalistas que não questionam injustiças sociais, discriminações de gênero, dominações políticas, e hierarquias entre humanos e não-humanos. Segundo o autor, “a despeito das divergências quanto à sua definição, o ambientalismo continua



preocupado com uma 'natureza', alimentando a doce ilusão de que suas condições sociopolíticas de acesso e suas ciências permaneceriam fora da fratura colonial" (*Ibid.*, p. 26)¹.

Para Ferdinand, é necessário pensar o mundo contemporâneo tendo em vista a *dupla fratura*, a colonial e a ambiental, pensando-as em conjunto e mantendo uma dupla crítica. Nesse sentido, o filósofo propõe um conceito de ecologia decolonial que articule "a confrontação das questões ecológicas contemporâneas com a emancipação da fratura colonial, *com a saída do porão do navio negreiro*" (*Ibid.*, p. 34). Os prisioneiros do porão do navio estão ligados aos escravizados Negros das *plantations*, ou seja, aos que ocupam os porões do mundo; aqueles a quem "a qualidade de outro humano foi negada" e a quem "o mundo é recusado" (*Ibid.*, p. 72-73). Uma das finalidades da *política do porão* é a de manter seres humanos fora do mundo, e, estando fora, eles deixam de ser o Outro para simplesmente não-ser. Segundo Ferdinand, a recusa ao mundo, em vez de ser um anúncio do fim de uma relação, constitui *um modo de relação* (*Ibid.*, p. 73).

Ainda, para pensar essa fratura, Ferdinand traz como uma das principais contribuições originais do livro o conceito de *Negroceno*. O autor segue uma abordagem não-racializante² da escravidão, relacionando o Negroceno à forma injusta e desigual de habitar a Terra. Ele explica que a palavra "Negro" não designa mais uma cor de pele, um fenótipo, tampouco uma origem étnica ou uma geografia particular. Ela designa todos aqueles que estiveram e estão no porão do mundo moderno: os fora-do-mundo" (*Ibid.*, p. 81).

Menos ruidosa que o estalido do chicote, essa situação fora-do-mundo da escravidão colonial revela-se em um conjunto de rupturas impostas pela política do porão nas relações com os pertencimentos ancestrais e comunitários, nas relações com a terra, as relações com a natureza e com as arenas políticas, como mostram as experiências francesas da colonização no Caribe (*Ibid.*, p. 73).

Essa ecologia decolonial que Ferdinand alvidra em sua obra se alinha em muitos aspectos ao pensamento decolonial proposto por pesquisadores latino-

¹ Para Ferdinand, uma das exceções é o economista francês Serge Latouche, que é "um dos únicos a colocar a exigência decolonial no centro de questões ecológicas" (2022, p. 29).

² Embora este conceito não esteja ancorado no fenótipo, ainda assim entendemos que ele tem uma relação indelével com os aspectos físicos, principalmente tendo em vista contextos como o brasileiro.



americanos ligados ao Grupo Modernidade/Colonialidade³, tais como Catherine Walsh, Nelson Maldonado-Torres, Walter D. Mignolo, Aníbal Quijano, que buscam desconstruir a visão de mundo a partir do ponto de vista do pensamento hegemônico europeu, promovendo novas formas de pensar e existir no mundo, assim como desejam resgatar narrativas e vozes silenciadas pela História. O pensamento decolonial reivindica uma mudança qualitativa nos modos de vida, através de uma intervenção radical nos regimes de saber, de ver e de sentir. Tais estudos na América Latina buscam atualizar a tradição crítica do pensamento na região, colocando em risco a epistemologia hegemônica (essencialmente eurocêntrica), oferecendo novas releituras históricas e novas possibilidades de produção dos saberes, assim como propondo o resgate da construção de identidade e memória individuais ou coletivas de sujeitos e povos marginalizados.

O pensamento decolonial surgido deste grupo, em meados dos anos 1990, contudo, é visto por Ferdinand (2022, p. 199) apenas como mais um dentre os polos críticos que emergem da fratura colonial⁴. Para entender o alinhamento do autor e a proposta de avanço crítico em relação ao pensamento decolonial, tomamos como exemplo o argumento do filósofo porto-riquenho Maldonado-Torres (2007), para quem a colonialidade operaria em uma tripla dimensão: a colonialidade do poder, a colonialidade do saber e a colonialidade do ser. Essas três dimensões ocorreriam geralmente em simultâneo e uma serviria de justificativa e suporte à(s) outra(s). As relações de colonialidade, além de reforçarem o discurso colonial, seriam essenciais à sua perpetuação. A colonialidade do saber problematizaria o vínculo que a epistemologia moderna estabeleceu entre as localizações geo-históricas e a produção de conhecimento. Nesse sentido, a ecologia decolonial proposta por Malcom Ferdinand rearranja a crítica das colonizações históricas – e suas consequências sofridas até hoje –, tratando as relações políticas, sociais e econômicas do projeto colonial compreendidas no *habitar colonial da Terra*, englobando as transformações (e deformações) da colonialidade associadas às paisagens e aos não-humanos. O que

³ O Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) surge no final da década de 1990 e é composto por intelectuais latino-americanos. De acordo com a pesquisadora Luciana Ballestrin, o Grupo realiza “um movimento epistemológico fundamental para a renovação crítica e utópica das ciências sociais na América Latina no século XXI: a radicalização do argumento pós-colonial no continente por meio da noção de ‘giro decolonial’” (2013, p. 89). O termo ‘giro decolonial’ foi cunhado em 2005 por Nelson Maldonado-Torres na ocasião em que organizou um encontro em Berkeley chamado *Mapping Decolonial Turn*. O giro situa um movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico à lógica da modernidade/colonialidade e aponta para uma possibilidade de atualização da tradição crítica do pensamento na América Latina – e para a América Latina – e, conseqüentemente, a problematização das questões específicas do pós-colonialismo (enquanto momento histórico) vividas no continente.

⁴ Ferdinand cita, em ordem, o anticolonialismo do pós-guerra, inspirado na garantia de direitos e da independência de estados-nações; o pensamento pós-colonial, ancorado na crítica a uma perspectiva eurocêntrica da cultura e da representação dos povos; o pensamento decolonial do grupo dos anos 1990, do qual estamos falando; e, por fim, a perspectiva crítica das mulheres, um pensamento decolonial feminista (2022, p. 198-199).



Ferdinand (2022, p. 200) propõe, portanto, é um deslocamento de abordagem e uma centralidade da crítica decolonial sobre a condição ecológica e não humana do mundo, que estão envolvidas na rede das colonizações do ser, do poder e do saber, mas que foram até aqui problematizadas apenas lateralmente, ou de forma marginal.

Trata-se de reconhecer que a relação colonial não se reduz a uma relação entre grupos de humanos. Ela compreende também relações específicas com não-humanos, paisagens e terras por meio do *habitar colonial da Terra*. Isso significa que a emancipação da dominação colonial não pode ser pensada unicamente como uma mudança da relação de humanos com humanos. Ela implica também uma transformação da relação colonial com as paisagens e com os não-humanos, inclusive em suas formas escravagistas (*Ibid.*, p. 198).

Além disso, Ferdinand sublinha que a ecologia decolonial que ele propõe "une-se perfeitamente às críticas feministas e, em particular, afrofeministas" (*Ibid.*, p. 35), citando escritoras como Angela Davis (autora, inclusive, do prefácio do seu livro), bell hooks, Elsa Dorlin, Evelin Varikas e Kimberlé Crenshaw.

Não se trata de uma ecologia que se aplicaria aos racializados e aos territórios colonizados no passado, uma prateleira a mais em uma estante já construída, como alguns propõem. A ecologia decolonial abala o enquadramento ambientalista de compreensão da crise ecologista ao incluir já de início o confronto com a fratura colonial do mundo e apontar outra gênese da questão ecológica (*Ibid.*, p. 35).

O autor parte do pressuposto de que a ecologia é, antes de mais nada, uma questão de justiça, entendendo a crise ecológica como uma crise de justiça e afirmando que "os ecossistemas, a biodiversidade e os recursos naturais carregam os traços das colonizações, das escravidões e das dominações misóginas do mundo" (*Ibid.*, p. 270). Nesse sentido, Ferdinand nos alerta para três urgências: a redistribuição mundial de riquezas e justiça social; o dever decolonial do reconhecimento de um lugar digno no mundo para os povos originários, racializados, ex-colonizados; e a igualdade social e política das mulheres, em especial, as racializadas e ex-colonizadas (*Ibid.*, p. 267). É



evidente a dimensão ecológica do habitar e de como a lógica do habitar colonial – que o autor denomina *Plantationoceno* – causou o genocídio dos povos originários, o esgotamento de recursos naturais, a destruição de ecossistemas, provocando um rompimento da relação do homem com a natureza. O *Plantationoceno* reduz o mundo a um grande mercado de recursos consumíveis.

É importante salientar, no entanto, que embora Ferdinand esteja em concordância com o conceito de *Plantationoceno* para dar conta dessa era sócio-histórica-geográfica – que se inicia com a colonização e se estende até os dias. Se a noção de *Plantationoceno* está relacionada à escravidão colonial dos Pretos e às transformações ecológicas do sistema do habitar colonial, o *Negroceno* diz respeito à escravidão dos Pretos “simultaneamente como uma maneira violenta de estar em relação com outros humanos por meio de uma *política do porão* e como uma maneira destruidora de habitar a Terra e de estar em relação com os não-humanos” (*Ibid.*, p. 70). Para ele, o *Negroceno* constitui a outra face do *Plantationoceno* e marca a era geológica em que a ocupação colonial e as destruições ambientais são acompanhadas pela produção material, social e política de Negros (*Ibid.*, p. 80). Nesse sentido, Ferdinand nos convoca a pensar nos processos contemporâneos de transformar um território específico em um espaço inabitável e a sua população, em um Outro que jamais embarcará em direção ao salvamento.

É a partir do seu olhar e experiência caribenhos que Ferdinand nos apresenta os porões dos navios negreiros que navegaram nas rotas do colonialismo deixando milhares de corpos mortos nos mares e nos continentes do planeta.

Com seus imaginários crioulos de resistência e suas experiências de lutas (pós-)coloniais, o Caribe permite uma conceitualização da crise ecológica associada à busca de um mundo desvencilhado de suas escravizações, violências sociais e injustiças políticas: uma ecologia decolonial (*Ibid.*, p. 22).

Pensar na esteira de uma ecologia decolonial, então, possibilitaria outras compreensões de mundo, outras epistemologias, outras formas de conhecimento, outras filosofias; ou seja, seria um caminho para um mundo partilhado. É importante atentarmos para o fato de que as ecologias decoloniais, antes de serem criadas, precisam ser reconhecidas. Elas já existem, estão no mundo, “sobrevivendo nos porões”. Estão, por exemplo, no habitar dos povos indígenas e quilombolas; tão perto de nós brasileiros e latino-americanos. Por isso, precisamos encontrar os outros,



estabelecer relações, instaurar uma *política do encontro* (*Ibid.*, p. 221). Só assim estaremos preparados para a tempestade, para construir esse *navio-mundo* pressuposto pela ecologia decolonial. Um navio-mundo que, segundo Ferdinand, destitui “a constituição colonial do *Antropoceno* para abrir o horizonte de um mundo” que rompe com o humanismo “sordidamente racista” criticado por Césaire e com o humanismo misógino desaprovado por Olympe de Gouges e Sylvia Wynter (*Ibid.*, p. 269). Um navio-mundo onde não caiba a *simpatia sem vínculo* (*Ibid.*, p. 29), onde as culturas e suas histórias sejam partilhadas em um “‘universal verdadeiramente universal’, como imagina Souleymane Bachir Diagne; um universal que reúna, que escute e que celebre o encontro” (*Ibid.*, p. 269).

Referências

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, Brasília, p. 89-117, mai.-ago. 2013.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. Tradução: Letícia Mei. Prefácio: Angela Davis. Posfácio: Guilherme Moura Fagundes. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: Contribuciones al desarrollo de un concepto. *In*: CASTRO-GÓMEZ; R. GROSFOGUEI (Orgs.). **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p.127-167.

Recebido em: 14/03/2024. Aprovado em: 29/04/2024.